

Intersecções históricas em *A ilustre casa de Ramires*: o romance e a revista

Historical intersections in *A ilustre casa de Ramires*: the novel and the magazine

Cintia Bravo¹

Resumo

A valorização de Portugal proposta por Eça de Queirós ao publicar o romance *A ilustre casa de Ramires* nas páginas da *Revista Moderna* é o enfoque desta pesquisa. Ao analisarmos o romance dentro da revista, podemos também perceber que existem perspectivas históricas que se complementam e se distanciam. À medida que observamos a oposição entre as personagens principais deste romance, também podemos compreender as diferenças entre o passado e o presente de Portugal na visão queirosiana. Ao escrever um romance histórico, dentro de um romance histórico, talvez, Eça queira mostrar a Portugal do final do século XIX que ficar preso ao passado, enaltecendo uma glória que jamais ressurgirá, não poderia ajudar seu país a se reconstruir. Para Eça, se faz necessário que homens olhem para o passado, na intenção de construir uma nova História e sim, que decidam através dessa construção, mudar o presente e projetar um futuro melhor.

Palavras-chave: História. Modernidade. Imperialismo. Século XIX. Eça de Queirós.

Abstract

The appreciation of Portugal proposed by Eça de Queirós when publishing the novel *A ilustre casa de Ramires* in the pages of the *Revista Moderna* is the approach of this research. When analyzing the novel within the magazine, we can also see that there are historical perspectives that complement and distance each other. As we observe the opposition between the main characters of this novel, we can also understand the differences between Portugal's past and present in the Queirosian view. When writing a historical novel, within a historical novel, perhaps, Eça wants to show Portugal at the end of the 19th century that being stuck in the past, praising a glory that will never resurface, could not help his country to rebuild itself. For Eça, it is necessary for men to look to the past, with the intention of building a new History and yes, that they decide through this construction, to change the present and to project a better future.

Keywords: History. Modernity. Imperialism. 19th century. Eça de Queirós.

¹ Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Professora do Colégio Estadual Nicarágua, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Professora da Escola Municipal Visconde do Rio Branco, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. *E-mail:* cinduma40@gmail.com

Em 1897, na 10ª publicação da *Revista Moderna*, toda feita em homenagem ao aniversário de Eça Queirós, o escritor português, após um longo período se dedicando ao jornalismo, publica em folhetins o romance *A ilustre casa de Ramires*, anunciado com grande expectativa pelos editores da revista.

Este novo trabalho de Eça de Queirós, dialoga de forma bastante coerente com os acontecimentos políticos que perpassam a *Revista Moderna*, como a crise política portuguesa que se intensificava naquele final de século. Portugal parecia partir numa caravela perdida rumo ao atraso em relação às principais potências europeias da época, como a França e a Inglaterra.

O romance também é uma caravela em que Eça de Queirós sempre navegou tranquilamente, auxiliado pelas Tágides que jamais lhe abandonaram; mas naquele fim de século, com maturidade, ele decide fazer a sua última viagem narrativa, publicar um romance em folhetim; ou seja, traçar outros caminhos, viajando por outros oceanos, para poder se reencontrar e reencontrar Portugal, que a seus olhos parecia perdido no tempo.

A ilustre casa de Ramires, tão aguardada pelos leitores da *Revista Moderna*, narra a vida de um fidalgo português em franca decadência. Gonçalo Ramires, personagem principal, vive numa quinta afastada, sem prestígio, sem dinheiro, arrendando parte das suas terras para pequenos agricultores. Gonçalo Ramires é, em síntese, a representação desse Portugal perdido no tempo, neste que seria o primeiro e o último folhetim queirosiano. Primeiro, porque, Eça percebe as mudanças editoriais que vinham acontecendo nos últimos anos e utiliza o seu prestígio para atrair público leitor a uma nova publicação; último, porque com a fim da *Revista Moderna* (1899) e a morte do escritor (1900) o folhetim deixa de ser publicado, para ser reeditado como obra póstuma (1902).

Ao longo dos capítulos publicados em folhetim, a vida de Gonçalo, assim como a de Portugal, parece estar presa a um passado glorioso. Na verdade, é importante ressaltar que a história de

Gonçalo se mistura à História de Portugal. Todos os antepassados do protagonista tiveram devida importância, pois participaram ativamente dos principais fatos da História portuguesa. Seus ancestrais estiveram na *Batalha de Ourique*, lutaram nas cruzadas no período da *Reconquista*, negaram apoio a D. Leonor Telles, até desaparecerem na África, durante a *Batalha de Alcácer-Quibir* e, assim como Portugal, os Ramires se perdem numa evocação, transformam-se em “alcoviteiros” e “façanhudos” até partirem para o Brasil com D. João VI, ganham dinheiro e poder, explorando novas terras e novos povos, até perderem todo dinheiro e todo poder, retornado a Portugal sem dinheiro, sem prestígio, sem poder, tendo que reconstruir a sua própria História até, enfim, chegar a Gonçalo, um homem jovem, acovardado, esquecido numa quinta distante, tal qual o seu país naquele momento. Um homem doente moral e fisicamente. “Homem, eu ando com o estômago arrasado... E desde ontem à noite uma dor nos rins, ou no fígado, ou no baço, não sei bem, numa dessas entranhas!” (SOLER, 1999, p. 95).

Ao longo do romance, a vida de Gonçalo parece tomar um rumo semelhante ao das demais personagens de outras obras queirosianas. Assim como João da Ega e Carlos da Maia, esse fidalgo tenta se destacar no mundo, tenta fazer justiça ao nome da família, tenta sobressair numa sociedade que achata e empurra os homens de seu tempo para a teia intransponível do novo tempo que se anunciava, o século XX. Politicamente, Portugal parecia estar da mesma forma, ainda mais do *Ultimatum Inglês*, em que o país tem sua soberania maculada, ao ceder às pressões inglesas e abrir mão de algumas colônias em África.

É como se Gonçalo Ramires estivesse atado a tantas coisas, situações e pessoas improdutivas, que tudo o impedia de ser o que ele realmente deveria ser. Um ‘*legítimo Ramires*’, um nobre e não um fidalgo decadente. Como protagonista queirosiano, Gonçalo vive preso a essa estufa do século XIX, que o impede de respirar, num lugar envelhecido, cheio de teias e bolorento. Numa estufa húmida que no

romance é a Torre de Santa Irineia, quinta onde está situado o castelo do jovem fidalgo. Curiosamente, o lugar em que Gonçalo vive, tem o mesmo aspecto lúgubre do *Ramalhete*, mansão da família em *Os Maias*. Não é esta a primeira impressão de João da Ega ao retornar à mansão onde seu amigo Carlos vivera? “*Vamos embora – exclamou Ega. – Isto está lúgubre!...*” (QUEIRÓS, 2001, p. 480) diz Ega. Não seria também a mesma impressão de Eça em relação a Portugal? Como se Portugal estivesse cheio de teias, bolorento, envelhecido?

Para se destacar neste mundo moderno, os aristocratas decadentes, assim como Gonçalo Ramires, tinham um caminho certo a trilhar para sobreviver: um casamento vantajoso com a filha de um burguês e/ou a carreira política. Se a condição primordial para ser burguês era ter dinheiro - algo que faltava ao fidalgo – o caminho mais curto e mais atraente era, portanto, entrar para a vida pública. A política também foi o caminho percorrido por grande parte dos aristocratas europeus que precisavam tanto de prestígio quanto de dinheiro. Segundo Hobsbawn (2003, p. 241), em *A Era dos Impérios* “*mesmo as antigas monarquias profundamente enraizadas admitiam que o dinheiro era critério de nobreza tão útil como o sangue azul*”.

Gonçalo almejava, portanto, este critério de nobreza tão útil ao seu tempo, e, como uma folha ao vento, vai sendo levado, sem perceber que abria mão da sua identidade para seguir uma carreira política.

Naturalmente – murmurava o Fidalgo, diante do espelho – E para lhe dar alguma coisa boa, alguma coisa gorda... Antigamente ter rei era ter renda. Agora... Não apertes tanto essa fivela homem! Trago há dias o estômago inchado... Agora, com efeito, esta instituição de rei anda muito safada, Bento! (SOLER, 1999, p. 100-101).

Para fazer carreira na política moderna seu nome e seu envelhecido castelo não seriam

suficientes. Era mais do que necessário “ser rei” e ter “renda”, ou ainda dentro de uma possibilidade, se transformar num homem célebre; não ter um nome ligado ao passado, mas sim um nome citado no presente. Incentivado por um político conservador, e, por isso, nacionalista, Castanheiro², um “patrinhotinho”, Gonçalo decide escrever um romance histórico, contando o grande feito de seus antepassados, numa publicação que acabava de surgir na cidade.

Nenhum romance muito desenvolvido está na índole militante da revista. Basta um conto, de vinte ou trinta páginas... Está claro, os Anais por ora não podem pagar. Também, você não precisa! E que diabo! Não se trata de pecúnia, mas duma grande renovação social... E depois, menino, a literatura leva a tudo em Portugal. Eu sei que o Gonçalo em Coimbra, ultimamente, frequentava o Centro Regenerador. Pois, amigo, de folhetim em folhetim se chega a S. Bento! A pena agora como a espada de outrora, edifica reinos (SOLER, 1999, p. 82).

A princípio, a ideia parece absurda, mas aos poucos, Gonçalo percebe que através dessa ‘novela de família’ sua entrada na vida pública seria muito mais fácil. Desse modo, munido de Herculano, um historiador do seu tempo, cronistas medievais e antigos registros da família, Gonçalo decide aceitar essa empreitada, tomando tudo, num primeiro momento, como coisa útil ao seu futuro. Além disso, seu romance seria publicado num jornal conceituado. Usaria a imprensa, quase sempre servindo a outros interesses, para alcançar seus objetivos, sem perceber que estava sendo usado por ela para atrair mais leitores, uma lei da compensação em tempos burgueses. Talvez, Gonçalo não percebesse, mas seu criador, Eça de Queirós, era um profundo conhecedor dos bastidores da imprensa nacional e internacional, sabia bem do poder dessas publicações, seja para consagrar ou destruir qualquer homem, como podemos observar nesta passagem do romance:

² Na publicação na *Revista Moderna*, o patriota se chamava Pinheiro; no entanto, na publicação em livro passa a se chamar Castanheiro.

O fidalgo da torre recolheu para o Bragança, impressionado, ruminando a ideia do Patriota. Tudo nela o seduzia – e lhe convinha: a sua colaboração numa Revista considerável, de setenta páginas, em companhia de Escritores doutos, lentes das Escolas, antigos Ministros, até Conselheiros de estado: a antiguidade da sua raça, mais antiga que o Reino, popularizada por uma história de heróica beleza [...] (SOLER, 1999, p. 84).

Depois de muito pesquisar nos registros familiares, Gonçalo decide contar um fato heróico de um antigo ancestral: o cavaleiro Tructesindo Ramires. Este homem vivera em uma época em que a nação portuguesa começava a se construir. É o protótipo do cavaleiro medieval à maneira de Alexandre Herculano. Este cavaleiro português, diferente de Gonçalo, medroso e doente, representava a coragem, a força e a honra de sua palavra. Tructesindo possuía uma das mais importantes qualidades morais na cavalaria: a fidelidade, por ser o mais fiel dos cavaleiros ao rei D. Sancho, ele recebeu a alcunha de *Rico-homem*. O interessante é que o apelido do nobre cavaleiro era tudo o que o moderno fidalgo Gonçalo gostaria de ser; porém, a riqueza de seu bisavô não vinha pela quantidade de bens materiais tão desejada por Gonçalo, mas sim pelos seus feitos de fidelidade ao rei e, por conseguinte, ao seu reino. A confiança do rei D. Sancho era tanta que ele confiara ao cavaleiro a segurança de sua única herdeira, infanta D. Sancha.

Antes de morrer no Alcaçar de Coimbra, o senhor D. Sancho suplicara a Tructesindo Mendes Ramires, seu colação e Alferes-mor, por ele armado cavaleiro em Lorvão, que sempre lhe servisse e defendesse a filha amada entre todas, a infanta D. Sancha, senhora de Aveyras. Assim o jurara o leal Rico-Homem junto do leito onde, nos braços do Bispo de Coimbra e do prior do Hospital sustentado a candeia, agonizava, vestido de burel como um penitente, o vencedor de Silves (SOLER, 1999, p. 122).

Tructesindo representaria, dessa maneira, a ascensão da nação de Portugal como nação, porque a pátria recém-formada só poderia contar com homens com as suas qualidades. Juntamente

com o *Rico-homem*, milhares de outros cavaleiros, portadores da mesma índole, transformaram um pequeno povoado da península Ibérica num reino que passaria, no século XVI, a ser um grande império, mas que, no século XIX já não conseguia navegar nesse oceano intempestivo da civilização moderna.

Muito diferente era o seu bisneto Gonçalinho, o fidalgo da torre, que representa os homens do tempo de Eça; Gonçalo parecia não ter visto nenhuma adversidade na vida, a não ser a necessidade de ser alguém, de “ter renda”, já Tructesindo parecia estar acostumado aos grandes obstáculos, às grandes batalhas, às grandes conquistas. Seria, então, Gonçalo uma imagem apagada, opaca, do que restou da força imagética de Tructesindo? Essa é a vantagem do homem escrever a própria História. É a possibilidade de evocar e trazer à luz o que outrora estava esquecido.

Pela silenciosa vereda, ainda húmida, Gonçalo pensava nos seus avós formidáveis. Como eles ressurgiam, na sua novela, sólidos e ressoantes! E realmente uma compreensão tão segura daquelas almas afonsinas mostrava que a sua alma conservava o mesmo quilate e saíra do mesmo rico bloco de ouro. Porque um coração mole, ou degenerado, não saberia narrar corações tão fortes de eras tão fortes (SOLER, 1999, p. 379).

Tructesindo seria, portanto, um forte, rijo, habilidoso e, principalmente, fiel a seus princípios, guiado sempre pela razão, pois fica impassível diante da morte de seu único filho; ou seja, um homem racional, a representação do homem ideal, enquanto Gonçalinho, seria, assim, o anti-modelo, o anti-herói; como se Tructesindo representasse a essência que se estivesse esvaído e só restasse a agora, na figura de Gonçalo, apenas um frasco vazio, mas sem seu conteúdo.

Neste sentido, não podemos esquecer que o *Rico-homem* é, sobretudo, um personagem queiro-siano; ou seja, uma espécie de modelo de homem no romance e, assim, como na novela *O Mandarim*, diante de uma dialética que a vida lhe impõe – a vida da infanta pela vida do único filho, este

‘homem idealizado’ jamais sucumbiria às paixões mundanas³; ou seja, Tructesindo jamais mataria o Mandarim, como não abre mão de sua essência, nem mesmo se ela valesse a vida do filho. Será que Eça aposta todas as fichas na rigidez moral e física do *Rico-homem*, ou a visão deste personagem passa pelo crivo da visão idealizada e romântica do historicismo romântico que afeta Gonçalo? Me parece que a visão idealizada não é a de Eça, mas sim de Gonçalo que parece também ter uma visão idealizada desse tempo histórico. Não podemos esquecer que a Idade Média que surge em *A ilustre casa...* é a Idade Média de Herculano; ou seja, um historiador que recria o tempo histórico com uma capacidade única em construir histórias. É como nos explica Le Goff (1990, p. 17): “uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na ‘realidade histórica’ ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula”.

Talvez, haja neste romance, através das oposições de perfis dos personagens, como também, e, por isso também, exista uma sobreposição de concepções históricas: a História que Gonçalo escreve e que Eça de Queirós parece ironizar, e a história sobre a história, ou seja, a criação artística, capaz de criar novas perspectivas históricas. Para Eça, a História não é somente uma evocação ao passado, mas sim, uma construção humana... Se história é narração, uma romancista como Eça é, portanto, um grande historiador, mas um historiador moderno.

Gonçalo Ramires que a princípio seria um anti-herói, porque é um homem que, de acordo com a narrativa, é decadente e hipócrita, corroído por uma vida sem brilho e sem brio, é ambicioso e quer vencer na vida de maneira mais fácil, representaria assim o Portugal ‘moderno’ que, no entanto, também parece ter parado no tempo; Gonçalo vive esperando... Como Portugal espera seu rei perdido... Essa ‘espera Gonçalina’, essa espera messiânica, já não fazia nenhum sentido para a geração de Eça, ainda mais na maturidade queirosiana, quando escreve indignado a Oliveira

Martins sobre *O Ultimatum Inglês*: “É impossível que não haja algumas centenas de homens, que, sinceramente e lealmente, desejam saber o que se deve fazer e que queiram sinceramente fazer o que se deve” (QUEIRÓS, 1945, p.183). O próprio Eça nos responde ao longo deste romance.

Houve um tempo em que existiam homens como Tructesindo, que fizeram *mais do que prometia a força humana*. Portugal pode contar com eles, exemplos como Nun’Alvares, D. Afonso Henrique, O Mestre de Avis, Vasco da Gama... Enfim, toda uma linhagem de portugueses que foram responsáveis por construir uma grande nação. Estes homens não têm só a ação como semelhança, todos eles são uma construção da Cultura portuguesa e, por isso, fazem parte da História.

Com quem Portugal do tempo de Eça pode contar naquele final de século? Com nacionalistas conservadores como Patriotinho? Com políticos corruptos e hipócritas como André Cavaleiro? Com um homem tão idiota que tinha o apelido de Bacoco, pela falta de inteligência? O que falta a estes homens? O que faltou a seus antepassados, Gonçalo Ramires têm: uma hereditariedade que prova que homens fortes só podem descender de homens fortes. Sua matriz, explica que sua força pode estar soterrada? Como?

Acreditar numa visão determinista é concordar com o que virá depois, é apoiar o fascismo e a guerra. Essa não parece ser a única interpretação possível ao folhetim queirosiano. Essa é uma dialética que poucos autores do século XIX souberam responder: o mundo degenerou a raça dos Ramires ou a raça se deixou degenerar pelo mundo? Eça parece ser um dos romancistas desse tempo que perce não tentar resolver esse questionamento. Se lembrarmos que o *A ilustre casa...* foi publicada dentro da *Revista Moderna* e atentaremos para o fato de que, independentemente de raça, credo, época o mundo se degenera, mas se reconstrói também. Eça de Queirós, exímio observador do mundo e do tempo, nos mostra neste folhetim que a degeneração não é exclusividade de Portugal do

³ Sobre *O Mandarim*, ver David (2007, p. 49-80).

seu tempo, se degenerar e se reconstruir é de todo homem em qualquer tempo, em qualquer lugar...

Basta lembrar das crônicas que o autor publicou juntamente com o folhetim. Por exemplo, no conto “A Praia”, Eça de Queirós critica duramente o sistema capitalista francês, expondo o egoísmo de uma madame francesa e sua total falta de empatia com os demais banhistas que frequentavam uma praia na Normandia, na intenção de defender unicamente seus portentosos cães de raça.

Quando eles morderem se pagará o médico! Grito precioso, na verdade, porque nele vêm resumidas todas as fealdades duma alma, como por vezes, num único bafo de aragem à esquina de uma viela, vêm todos os fedores dum bairro sujo. Desde logo se reconhece que a nédua matrona é uma ricaça, uma argentária, dona de belos prédios, com cofre profundo no Banco de França, longamente acostumada a comandar e dispor, secamente desdenhosa de graças e sensibilidades, mole e toda de banhas por fora, por dentro toda dura e de ferro (REIS, 2005, p. 52).

Esta crônica nos mostra, portanto, que mesmo nas nações mais prósperas e justas, podem existir pessoas cruéis e egoístas. Se é que o egoísmo não vem, justamente com a prosperidade. Afinal, como sabemos, o progresso não exclui a barbárie, muito pelo contrário, contribui bem com ela. O que podemos dizer, por exemplo da crônica “A Rainha” em que não deixa de acentuar em tom sarcástico, o malefício do colonialismo inglês na Irlanda, numa crônica em ‘homenagem’ à rainha da Inglaterra.

Nesse sentido, Gonçalinho não traz somente defeitos, seus medos e problemas morais são tão comuns aos homens de todos os tempos e, além disso, ele não é uma pessoa má, tudo nele é obviamente humano: um homem como tantos outros, perdido no tempo, tentando achar seu lugar numa sociedade competitiva. O carro da modernidade parece vir acelerado, derrubando sem tréguas aqueles que ousam parar, esperar... Gonçalo pode estar degenerado, mas, ainda sim, é capaz de atitudes generosas, quando, por exemplo, decide acolher a mulher e os filhos de um colono que ele mesmo manda prender por desacato e, logo depois, se arrepende.

Então, o fidalgo cruzou descoroçoadamente os braços – no embaraço daquela aventura, em que, por culpa da sua ferocidade, se arriscavam duas crianças. Mas a Rosa entendia que a pequenina, a de mama, não sofreria com a caminhada, bem chegadinha ao colo da mãe, debaixo de uma manta grossa. Agora o outro, com a tosse, com a febre...

– Essa fica cá – exclamou Gonçalo decidido [...] Precisa de uma boa gemada, depois de um bom suadouro. Um destes dias lá lhe aparece nos Bravais, curado e mais gordo... Vá sossegada! (SOLER, 1999, p. 248).

Se Gonçalo representa a decadência portuguesa, porque Tructesindo ainda serviria de exemplo para o final do século XIX? Por que as questões morais difusas deste século ainda transformam o cavaleiro medieval num modelo a ser seguido também? Ora, não foi o próprio Eça que defendia uma arte do seu tempo e que acusara o romantismo de se refugiar no passado? Por que retornar ao passado e ressurgir neste momento, numa revista nomeada de *moderna*, fazendo um romance histórico?

Porque algumas características do *Rico-homem* parecem ser ainda importantes para qualquer tempo como a sobriedade, a força física e a agilidade, qualidades cada vez mais valorizadas no mundo moderno e tecnicista que se apresentava; um mundo que exigiria casa vez mais do homem trabalho, produtividade, competição... Na verdade, para cada grande nação europeia que se formava, um exército de Tructesindos estava sendo preparado para a guerra já iminente. Além disso, não foi Eça que escreveu uma novela histórica por encomenda de políticos conservadores. O autor, estava já no fim de sua carreira, bastante doente, produzia a duras penas aquele que seria seu último romance. *A ilustre casa de Ramires*, é um romance (histórico?) que traz duas visões históricas que se complementam. A sua visão histórica do mundo moderno na visão de Eça, através da evocação ao passado na construção do jovem fidalgo. E assim reconstruindo através da História, um novo presente e uma perspectiva de futuro.

As grandes cidades, as fábricas e as indústrias, as ciências exatas e um colonialismo cruel

que esquartejava a África e a Índia, cada vez mais enriqueciam as grandes nações desenvolvidas. Se Gonçalo representa a decadência portuguesa, seu histórico avô, nesse contexto, poderia ser a representação das potências europeias da época. O porte físico e a frieza de Tructesindo impressionam, suas características físicas e morais são tão importantes para o tempo de Eça, quanto, infelizmente, estão muito valorizadas no nosso tempo. Tructesindo tem qualidades e defeitos, tanto quanto Gonçalinho, mas a balança que vai pendendo ao nobre cavaleiro medieval aos poucos cai para o lado do fidalgo decadente da torre.

Nesta competição progressista, quem não se preparasse para a batalha do porvir, poderia perder cada vez mais espaço. França e Inglaterra, as nações mais ricas do século XIX, também foram as que mais se beneficiaram com o colonialismo. De que lado está Portugal nesta competição? Cedendo colônias como no *Ultimatum*? Portanto, se Portugal estava parado no tempo, esperando um rei... A trajetória de Tructesindo (a própria História de Portugal) provava o contrário. O caráter passivo de Gonçalo diante dos acontecimentos de sua vida poderia ser substituído pelo caráter combativo e ativo do *Rico-homem*.

Entretanto, é importante ressaltar, que não se trata que Gonçalo Ramires tenha que sair de capa e espada pela província em pleno século de Vitória, mas que ele parta para luta se necessário for, munido de qualquer arma e muita disposição, sem esquecer a sua autenticidade, sem deixar para trás o que lhe era peculiar: *o ser português*. Neste aspecto, o nacionalismo de Eça se afasta do ufanismo que regia Portugal naquele momento. Muito pelo contrário, Eça de Queirós era considerado por parte da imprensa portuguesa como diletante, estrangeirista, antipatriota, por viver tanto tempo fora da própria pátria e porque seus textos trazem muitas críticas à sociedade portuguesa da época. No texto “Brasil e Portugal” publicado na *Gazeta de Notícias*, Eça de Queirós demonstra a sua ideia de patriotismo e de amor à nação, em resposta às críticas de seu desafeto Pinheiro Chagas:

Este patriotismo, caro Chagas, é o dos brigadeiros vestidos à moderna. E, lamento ter de dizê-lo, parece-se muito com o seu. Os franceses chamam-lhe chauvinisme: eu chamar-lhe-ia de patriotice. E os que o cultivam daria nomes de – patriotaças, patriotinheiros, patriotadores, patriotarrecos. [...] É ele que não deixando fazer nada sob o pretexto que já se fez tudo, imobilizando a nação num pasmo fictício para o passado, que a impede de trabalhar pelo futuro [...] (QUEIRÓS, 1951, p. 71).

O que Eça propõe na *Ilustre casa de Ramires* é que Gonçalo-Portugal se una a Tructesindo-Portugal e que passado e presente também se unam com o propósito de vislumbrar um futuro ao Portugal-Portugal. Que unidos, eles partam para a luta, mas que ela valha a pena, que sua luta seja em prol do coletivo e não para benefício próprio.

Romanticamente, Eça parecia acreditar que em algum tempo, talvez no futuro que se anunciava, existiria uma batalha justa. E se a guerra não estivesse em Portugal que Portugal fosse atrás dela. Também é dessa última guerra perdida que trata o romance inacabado “A Batalha do Cais” e o conto inédito “A Catástrofe”; talvez, essa última batalha *lusíada* em busca do crescimento e do desenvolvimento valesse a pena. Rui Ramos nos explica na *História de Portugal*, organizada por José Mattoso, a tese de Eça para resgatar a identidade de Portugal e o verdadeiro sentido do nacionalismo:

Eça imaginou o único estádio em que se poderia ser conseguida a verdadeira comunhão cívica em Portugal. Era assim: Portugal, perdida uma guerra qualquer, perdera também a independência e vivia sob a ocupação militar estrangeira; então, a geração ceptica e indiferente, que se habituara a maldizer o País e não for capaz de o ofender, redescobriria, na clandestinidade dos lares, o culto da pátria perdida [...] (RAMOS, 2001, p. 64).

Logo, não foi coincidência que o tempo de Tructesindo, tenha sido o período da *Reconquista*. Nesse tempo histórico evocado por Gonçalinho, Portugal lutava contra os ‘mouros’ na tentativa de reestabelecer o seu território, foi também o

momento em que o historiador Herculano reconstruiu a sua História por meio de suas lendas. Não por acaso, Herculano é uma referência para Gonçalo, tanto quanto era para Eça de Queirós. Foi a História contada por Herculano, a representação através da arte de narrar um tempo não lembrado que a Idade Média em Portugal foi reconstruída. Nada de épicos e heroísmos *sobre-humanos*, nem a ajuda de deuses pagãos ou cristãos, apenas a história feita por homens comuns.

Os homens, independente de nomes e tradições, lutavam para construir uma nação, a partir de seus feitos é que nomes se perpetuavam pela História. Talvez a historiografia oficial tenha esquecido deles em favor de reis e militares, mas a literatura, a arte, jamais esqueceu.

O que vale uma tradição se você não fez nada para merecê-la? O que vale um rei perdido se você tem homens que precisam encontrar um prumo? Portugal na época de Tructesindo vivia em luta constante pela independência de sua terra. Cada pedaço de Portugal custou muito sangue comum. Do que valem agora os seus feitos gloriosos? O tempo por Eça escolhido foi a gênese, quando Portugal não era ainda Portugal, mas quando cada homem na luta, já era considerado essencialmente português. Para Eça de Queirós, portanto, não são grandes homens que constroem uma grande nação, mas sim, grandes nações podem ser construídas por grandes homens. Homens como Gonçalo, homens como Tructesindo, homens como Herculano, homens como ele próprio...

Tructesindo e Gonçalo que num romance realista-naturalista formariam uma oposição maniqueísta, passam a ser, ao longo do romance não uma tensão e sim, uma interseção. A dualidade muitas vezes parece numa única personagem em forma de conflito como no caso de Luísa (casamento x adultério), Carlos da Maia (amor x desejo), Teodoro (ética x conveniência); no entanto, nos personagens da *Ilustre casa de Ramires* não parece haver essa dualidade, porque tanto Gonçalinho quanto seu avô ancestral representam momentos e contextos que os tornam mais complexos, ainda mais se colocados numa oposição. Será que os

homens devem ser como Tructesindo? Ou todos devem ser como Gonçalo?

Enquanto Tructesindo parece estar no tempo certo, evocado pela memória de Gonçalo, o fidalgo da torre parece estar fora do seu lugar, tanto quanto Portugal para estar fora da ordem mundial naquele século. O lugar dos Ramires é sempre um lugar de destaque à frente de outros homens, ou lutar como os outros homens, bem como o lugar de Portugal na balança dos tempos modernos deveria ser junto com as outras potências, como outrora fora. Nesse sentido, vale a pena aqui ressaltar a discussão levada à frente por Barcellos (2001) a respeito do lugar social dos homens no século XIX:

Assim, o acesso à masculinidade moderna não implica apenas a incorporação de um estereótipo ou assunção de uma identidade, mas é também necessariamente inserção numa estrutura hierárquica de prestígio e poder [...]. Dessa forma, a construção da própria masculinidade requer algum tipo de desvalorização da masculinidade requer algum tipo de desvalorização da masculinidade dos outros (BARCELLOS, 2001, p. 146).

Durante todo o século XIX, Portugal parecia estar distante do seu tempo e do seu espaço em relação às nações que eles tanto idealizaram. O *Ultimatum Inglês* causou um mal-estar nos portugueses, gerando uma forte indignação. Para muitos, incluindo o autor de *Os Maias*, Portugal se acovardava, curvava o espinhaço durante o poderio do imperialismo inglês. Não era esse defeito (covardia) que mais caracterizava Gonçalinho?

Como uma flor murchara! Que mesquinha honra! E que contraste o do derradeiro Gonçalo, encolhido no seu buraco de Santa Irineia [...]. Nem sequer deles herdara a qualidade por todos herdada através dos tempos – a valentia fácil [...] ele nascera com a falha, a falha de pior desdouro, essa irremediável fraqueza da carne, que, irremediavelmente, diante de um perigo, uma ameaça, uma sombra, o forçava a recuar, a fugir... (SOLER, 1999, p. 379).

Gonçalo não consegue entender sua fraqueza diante do outro, como Eça não conseguia aceitar

que Portugal entregasse ceder algumas colônias para Inglaterra. Mas, felizmente, existe uma forma de pesquisar e reconstruir uma história e Eça de Queirós sabia disso. Essa é a importância da História. Não se aprisionar a um passado de glórias que jamais retornará, mas sim, saber ler e interpretar a História de seu país – não a historiografia oficial – para que se possa agir no presente e modificar o futuro.

Quando Eça de Queirós decide escrever um romance histórico, não significa que ele queira retornar ao passado; existe sim uma certa melancolia no Eça de fim de século, afinal ele é um português; mas há, sobretudo, um fio de esperança no futuro, uma perspectiva. E é exatamente isso que acontece com Gonçalo ao final do enredo – embora Eça não o tenha publicado o folhetim inteiro na revista⁴.

O fidalgo da torre sofre uma mudança ao entrar em contato com a vida do seu antepassado. Através da construção de uma obra literária, a vida de Gonçalo toma outro rumo. Depois de concluir a sua novela de família, após *fazer* alguma coisa, se sente produtivo e, em seguida, tem um sonho revelador: Gonçalo sonha com todos os seus ancestrais e estes o conclamam a levantar-se e a erguer-se para retomar o destino dos Ramires: homens que no passado construíram sua própria nação, descobriram novas terras e que, no século XIX, precisavam resgatar o que ficou esquecido no tempo, sem procurar no tempo perdido as suas respostas.

Depois desses acontecimentos, Gonçalo sai de casa com um chicote esquecido e após uma discussão com lavradores que insistem em desrespeito, o fidalgo da torre, tomado por uma ira, surra-os sem piedade, transformando num homem de seu tempo, impondo sua força. O açoite do passado que ele utilizava para surrar o presente. Ele abandona subitamente os hábitos que tinha antes e se desprende, justamente de tudo que o ligava ao passado. Diz não a um casamento de conveniências com uma bela e rica viúva, hipoteca a torre em que vivia, quinta que lhe dava um nome e parte

para África, um lugar inóspito, onde, outrora, seus antepassados se perderam e onde no seu presente abandonaram. Gonçalo parte para retomar seu lugar e, quem sabe, resgatar aquilo que seu povo tinha perdido de maneira tão passiva.

Mas, felizmente, Gonçalo não é só raça, força e poder: “E os Ramires, não só vem dos Reis” (SOLER, 1999, p.448). Ela nos alerta de maneira implícita que somente força não constrói uma nação, embora seja a força a mola que impulsiona o colonialismo. Uma das principais características do fidalgo da torre é que mesmo com tantos defeitos, há qualidades nele que nos cativam. A todo momento não sabemos se gostamos ou não de Gonçalo, porque ele é cheio de nuances, cheio de imperfeições que o humanizam. Ao longo do romance percebemos o quanto esse personagem é humano e o quanto ele foge dos padrões das personagens realistas-naturalista. Tanto são os seus conflitos, tantas são as suas angústias, que torna Gonçalo não só um homem do século XIX perdido no tempo e no espaço. Seus questionamentos são universais.

Gonçalo, essa figura paradoxal e carismática (e violento também, pois a violência é a essência da humanidade) parte para um rumo desconhecido, deixando a sua história para trás. Gonçalo abandona o passado para *construir* um novo futuro. Para a autora Carmela Nuzzi que faz uma análise comparativa das versões de *A ilustre casa de Ramires*: “a história de Gonçalo Mendes Ramires atinge agora a condição de mito, tal como na sua própria vida, ele tinha conduzido o mito dos seus antepassados à condição de realidade” (NUZZI, 1976, p. 153).

Gonçalo sai de cena por opção, deixando impressões diversas nos seus amigos e familiares, mas todos são unânimes quanto a um aspecto: *está mais homem*. E estar mais homem aqui é ter uma identidade, é aliar força, raça às suas imperfeições. É evocar seus ancestrais para contar uma história para construir a História, é, sim, desse modo, virar uma lenda.

⁴ A revista termina em abril de 1899, no 23º capítulo do folhetim. Eça morreria em 1900.

Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociável. A desconfiança terrível de si mesmo, que o acobarda, o encolhe, até que um dia se decide, e aparece um herói que tudo arrasa... Até aquela antiguidade de raça, aqui pegada aquela velha torre há mil anos... Até agora aquele arranque para a África... Assim todo completo, com o bem, com o mal, sabe vocês quem ele me lembra?

- Quem?

- Portugal!

(SOLER, 1999, p. 456).

Na maturidade, Eça consegue ver os defeitos, mas não deixa de reconhecer as qualidades do seu Portugal. Assim como Gonçalves, que seria um 'anti-modelo' a ser seguindo, mas que aos poucos vai se reconstruindo, Portugal também vai ficando mais belo – se algum momento deixou de sê-lo – aos olhos do grande escritor. Eça amava ainda mais Portugal, à medida que as nações que ele tanto idealizava iam sendo desmistificadas. Sua pátria não é uma nação ideal, mas tem uma História linda! Afinal, “*As nações todas são mistérios*” diria um sucessor.

Referências

BARCELLOS, J. C. Homossociabilidade masculina e homoerotismo na ficção de Eça de Queirós. In: SCAPELLI, M. F.; OLIVEIRA, P. M. (org.). *Os centenários: Eça, Freyre e Nobre*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2001. p. 127-150.

DAVID, S. N. *O século de Silvestre da Silva: estudos queirosianos*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

HOBSBAWN, E. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2003.

LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão et al. Campinas: Ed. Unicamp, 1990. (Coleção Repertórios).

NUZZI, C. M. *Análise comparativa de duas versões de Ilustre casa de Ramires de Queiroz*. Porto: Lello & Irmãos, 1976.

QUEIROZ, E. *Correspondências*. Porto: Lello & Irmãos, 1945.

QUEIROZ, E. *Notas contemporâneas*. Porto: Lello & Irmãos, 1951.

QUEIROZ, E. *Os Maias*. São Paulo: Ateliê-Editorial, 2001.

RAMOS, R. A segunda fundação. In: MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2001. v. 6.

REIS, C. (org.). *Textos de Imprensa V: edição crítica das obras de Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

SOLER, E. L. (ed). *A ilustre casa de Ramires: edição crítica das obras de Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1999.

Recebido em: 13 dez. 2020

Aceito em: 3 mar. 2021